

A TRINDADE

NA ESCRITURA, HISTÓRIA, TEOLOGIA E ADORAÇÃO



ROBERT LETHAM
PREFÁCIO DE SINCLAIR B. FERGUSON


VIDA NOVA

A doutrina da Trindade requer o estudo cuidadoso da exegese bíblica, da teologia histórica, da ortodoxia e heresia cristãs, das diferenças e dos debates interdenominacionais, da teologia sistemática e das implicações práticas. O extraordinário livro de Robert Letham (essa edição substancialmente atualizada e ampliada é ainda melhor que a primeira) discorre muito bem sobre tudo o que há de mais importante, e mesmo assim nos deixa admirados diante do mistério incompreensível do Deus trino.

Joel R. Beeke, reitor do Puritan Reformed Theological Seminary e autor de *Teologia puritana: doutrina para a vida* (Vida Nova) e *A segurança da salvação* (Vida Nova).

É um prazer recomendar a segunda edição de *A Trindade: na Escritura, história, teologia e adoração*, de Bob Letham. A antiga doutrina da Trindade provocou novos debates desde a primeira edição desse livro consagrado, mas o autor não deixou de se manter atualizado acerca deles. Portanto, imagino que seja justo dizer que esse texto ampliado não será a última palavra do autor sobre esse mistério cristão fundamental, contudo ele apresentou aos leitores sua exposição mais atual. Nesse livro, Letham continua a revelar ainda mais seu conhecimento e sua *atenção* característicos quando confrontados com as últimas neologias e analogias trinitárias.

Paul Helm, professor emérito de História e Filosofia da Religião no King's College, Londres.

Esse livro é muito sólido, bem fundamentado e com bastante pesquisa sobre a doutrina da Trindade. Letham é um mestre da teologia histórica. Ele recorre a seu vasto conhecimento para discutir muitas questões trinitárias contemporâneas de um modo perspicaz e convincente. Quem ler essa obra será imensamente enriquecido e instruído.

George Hunsinger, professor da cátedra Hazel Thompson McCord de Teologia Sistemática do Princeton Theological Seminary.

É com grande prazer que recomendo essa edição revisada de *A Trindade*. Sua teologia trinitária é sempre exegética. O autor recorre com cuidado aos textos bíblicos importantes e permite que eles nos digam o que Deus declara sobre si mesmo como Deus único em três pessoas distintas, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Letham interage com a grande tradição teológica da igreja cristã, no Oriente e no Ocidente, e segue a melhor teologia histórica com imparcialidade e clareza, por isso seu livro será um recurso extraordinário para os estudos acadêmicos e para quem está no ministério pastoral. Gostei de modo

especial dos capítulos “Oriente e Ocidente” (10 e 11); “João Calvino” (12); “Sob olhos orientais” (15) e “Thomas F. Torrance” (16). Recomendo muito a obra completa!

Douglas F. Kelly, professor emérito do Reformed Theological Seminary.

Esse livro é complexo e simples, profundo e acessível. Há uma razão para que a primeira edição tenha recebido tanta atenção. Na última década, ela influenciou de várias formas meu pensamento sobre a Trindade, bem mais do que costumo perceber. Mesmo quando me flagrei reagindo a argumentos ligeiramente modificados com relação ao pensamento oriental em oposição ao ocidental, não raro me surpreendi ao constatar que minhas reações remetiam, de algum modo, a esse livro. Quer concordemos ou não com as perspectivas do autor, trata-se de um livro notável porque consegue prender nossa atenção e não permite que o ignoremos. Embora essa segunda edição esteja mais atualizada à luz das pesquisas recentes, continua a ser a mesma leitura acessível, agradável e proveitosa.

Ryan M. McGraw, professor da cátedra Morton H. Smith de Teologia Sistemática, do Greenville Presbyterian Theological Seminary.

Na segunda edição cuidadosamente elaborada de seu importante livro sobre a Trindade, Robert Letham mostra de forma decisiva e convincente a razão específica pela qual a doutrina clássica da Trindade, quando corretamente entendida, é indispensável não apenas em relação a todos os aspectos da teologia, mas também para o consenso ecumênico atual. Conforme a necessidade, as análises e críticas do autor são especialmente interessantes e proveitosas para estudantes e acadêmicos ao discorrer sobre diversos teólogos contemporâneos importantes do Ocidente (Barth, Rahner, Moltmann, Pannenberg, T. F. Torrance) e do Oriente (Bulgakov, Lossky, Staniloae), valendo-se para isso de argumentos perspicazes contra as abordagens panenteístas que confundem a Trindade imanente com a Trindade econômica e as perspectivas dualistas que separam Deus de nós.

Paul D. Molnar, professor de Teologia Sistemática do Departamento de Teologia e de Estudos Religiosos da St. John’s University, Queens, Nova York.

A segunda edição da obra de Robert Letham merece ser saudada como um guia sadio para os aspectos bíblicos, históricos e teológicos da doutrina da Trindade; é um guia para as contribuições, os perigos e os desvios nos debates contemporâneos sobre a Trindade.

Vern Poythress, professor de Novo Testamento e Interpretação Bíblica do Westminster Theological Seminary e autor de *Milagres de Jesus* (Vida Nova) e *Teologia sinfônica* (Vida Nova).

Quando me pedem para recomendar um bom livro sobre a Trindade, indico a princípio alguns livros breves escritos sobretudo com propósitos devocionais e motivacionais. Contudo, quando percebo que a pessoa está pronta para se aprofundar no tema e é capaz de lidar com um livro mais volumoso e com maior profundidade exegética, abrangência histórica e uma análise adequada sobre as várias perspectivas dessa doutrina, indico sempre *A Trindade*, de Letham. Essa segunda edição é a garantia de que posso continuar recomendando a obra de Letham aos alunos para uma orientação útil e um ensino seguro sobre essa doutrina central.

Fred Sanders, Torrey Honors Institute, Biola University.

Quem leu a primeira edição desse livro se surpreendeu com o domínio de Letham da narrativa histórica da teologia trinitária. Por causa do debate recente sobre o subordinacionismo, a introdução reformulada dessa obra é suficiente para que se justifique a aquisição da edição atualizada. Esse livro demonstra como estamos aquém dos debates eruditos sobre a Trindade na igreja antiga e como estamos próximos de “outra religião” quando fazemos a defesa da doutrina hoje.

Derek W. H. Thomas, pastor sênior na First Presbyterian Church, Columbia, Carolina do Sul e *Chancellor's professor* do Reformed Theological Seminary, professor convidado do Ligonier Ministries.

Nessa edição atualizada do livro amplamente lido de Robert Letham, o autor aprofunda sua análise bíblica da Trindade, amplia o estudo de personagens históricos e estende sua discussão até o debate atual. *A Trindade: na Escritura, história, teologia e adoração* defende e aprofunda a doutrina da igreja acerca de Deus. Leia-o, e você se sentirá compelido a refletir e a orar.

Chad Van Dixhoorn, professor de História da Igreja do Westminster Theological Seminary.

O estudo de Letham sobre a doutrina da Trindade, amplamente elogiado, é um modelo de reflexão teológica e de como se deve conduzi-la. Todas as características indispensáveis a uma metodologia teológica adequada estão presentes em toda a obra: atenção aos fundamentos da Escritura, interação solidária com os credos históricos e com as confissões da igreja, diálogo amistoso com os melhores teólogos da história das igrejas ocidental e oriental e o desejo de que a doutrina da Trindade instrua mais profundamente a adoração da igreja. Ao analisar as complexidades dos debates trinitários, Letham consegue lidar com o assunto com notável clareza e percepção. Embora boa parte dos estudos contemporâneos sobre temas controversos muitas vezes se prejudiquem pelo excesso ou pela

ausência de convicção, é notável o equilíbrio alcançado por Letham. Ele defende com clareza e firmeza doutrina e prática trinitárias mais robustas e coerentes na igreja. Contudo, ele faz isso sem ridicularizar as posições daqueles de quem difere, mantendo-se resoluto na defesa da posição que adota. Uma vez que a análise de Letham é, possivelmente, uma das melhores introduções à doutrina da Trindade disponíveis hoje, essa nova publicação em uma edição revisada é muito bem-vinda.

Cornelis P. Venema, reitor e professor de Estudos Doutrinários do Mid-America Reformed Seminary.

SUMÁRIO

<i>Reduções gráficas</i>	13
<i>Prefácio de Sinclair B. Ferguson</i>	17
<i>Prefácio à edição revisada e ampliada</i>	21
<i>Prefácio à primeira edição</i>	25
Introdução	29

PARTE 1: FUNDAMENTOS BÍBLICOS

1. O contexto do Antigo Testamento	45
2. Jesus e o Pai	65
3. O Espírito Santo e os padrões triádicos	84
Excursão: Padrões ternários na Epístola de Paulo aos Efésios	104

PARTE 2: DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

4. Trinitarismo antigo	119
5. A controvérsia ariana	139
6. Atanásio	159
7. Os capadóciolos	179
8. O Concílio de Constantinopla (381 d.C.)	201
9. Agostinho	227
10. Oriente e Ocidente: a controvérsia da cláusula <i>filioque</i>	245
11. Oriente e Ocidente: caminhos divergentes	265
12. João Calvino (1509-1564)	301
Excursão: um desdobramento posterior à Reforma	319

PARTE 3: DEBATE CONTEMPORÂNEO

13. Karl Barth (1886-1968)	333
14. Rahner, Moltmann e Pannenberg	357
15. Sob olhos orientais: Bulgakov, Lossky e Staniloae	389
16. Thomas F. Torrance (1913-2007)	423

PARTE 4: QUESTÕES FUNDAMENTAIS

17. A Trindade e a encarnação.....	443
18. A Trindade, a adoração e a oração.....	482
19. A Trindade, a Criação e as missões.....	502
20. A Trindade e as pessoas.....	537
<i>Glossário</i>	559
<i>Bibliografia</i>	567
<i>Índice remissivo</i>	599
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	613

REDUÇÕES GRÁFICAS

- AT Antigo Testamento
- AugSt *Augustinian Studies*
- BCP *The book of common prayer and administration of the sacraments and other rites and ceremonies of the church according to the use of the Church of England* (Oxford: Oxford University Press, s.d.)
- BCP(E) *Book of common prayer and administration of the sacraments and other rites and ceremonies of the church according to the use of the Episcopal Church* (New York: Church-Hymnal Corporation, 1979)
- C Credo de Constantinopla I (geralmente chamado de Credo Niceno)
- CD Karl Barth, *Church Dogmatics*, edição de Thomas F. Torrance, tradução para o inglês de Geoffrey W. Bromiley (Edinburgh: T&T Clark, 1956-1977)
- CO John Calvin, *Calvini Opera (Opera quae supersunt omnia)*, edição de Guilelmus Baum; Eduardus Cunitz; Eduardus Reuss, Corpus Reformatorum 29-87 (Brunswick: 1863—1900), 59 vols. *Calvin Theological Journal*
- CTJ *Eastern Churches Review*
- ECR Angelo Di Berardino, org., *Encyclopedia of the Early Church* (New York: Oxford University Press, 1992), 2 vols.
- EECh *Evangelical Quarterly*
- EQ *Die Griechischen christlichen Schriftsteller der ersten drei Jahrhunderte* (Berlin: Akademie-Verlag/ De Gruyter, 1897-2020)
- GCS *Gregorianum*
- Greg *Harvard Theological Review*
- HTR John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, edição de Ford Lewis Battles, tradução para o inglês de John T. McNeill (Philadelphia: Westminster, 1960) [publicado em português
- Institutes*

por Editora UNESP sob o título *A instituição da religião cristã*
e por Cultura Cristã sob o título *As Institutas*]

- JBL* *Journal of Biblical Literature*
- JETS* *Journal of the Evangelical Theological Society*
- JRT* *Journal of Reformed Theology*
- JTS* *Journal of Theological Studies*
- LN Johannes P. Louw; Eugene A. Nida, orgs., *Greek-English lexicon of the New Testament based on semantic domains* (New York: United Bible Societies, 1988)
- LS Henry G. Liddell; Robert Scott, *A Greek-English lexicon*, 9. ed. (Oxford: Clarendon, 1940)
- MAJT* *Mid-America Journal of Theology*
- MTheol* *Modern Theology*
- N Credo de Niceia
- NPNF*¹ Philip Schaff; Henry Wace, orgs., *A select library of the Nicene and post-Nicene Fathers of the Christian church* (reimpr., Peabody: Hendrickson, 1995). 1. série.
- NPNF*² Philip Schaff; Henry Wace, orgs., *A select library of the Nicene and post-Nicene Fathers of the Christian church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988). 2. série.
- NT Novo Testamento
- NTS* *New Testament Studies*
- OCP* *Orientalia Christiana Periodica*
- OS Peter Barth; Wilhelm Niesel, orgs., *Joannis Calvini Opera Selecta* (Munich: Chr. Kaiser, 1926-1952). 5 vols.
- PG* J.-P. Migne et al., orgs., *Patrologia Graeca* (Paris, 1857-1966)
- PL* J.-P. Migne et al., orgs., *Patrologia Latina* (Paris, 1878-1990)
- PRRD* Richard A. Muller, *Post-Reformation reformed dogmatics* (Grand Rapids: Baker, 2003-2008). 4 vols.
- RD* Herman Bavinck, *Reformed dogmatics*, edição de John Bolt, tradução para o inglês John Vriend (Grand Rapids: Baker Academic, 2003-2008). 4 vols. [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Dogmática reformada*]

<i>REAug</i>	<i>Revue d'études augustiniennes et patristiques</i>
<i>RechAug</i>	<i>Recherches Augustiniennes</i>
<i>RevSR</i>	<i>Revue des sciences religieuses</i>
<i>SBET</i>	<i>Scottish Bulletin of Evangelical Theology</i>
<i>SCJ</i>	<i>Sixteenth Century Journal</i>
<i>Service Book</i>	<i>Service book of the Holy Orthodox-Catholic Apostolic Church.</i> 3. ed., tradução para o inglês de Isabel F. Hapgood (Brooklyn: Syrian Antiochene Orthodox Archdiocese of New York and All North America, 1956)
<i>SJT</i>	<i>Scottish Journal of Theology</i>
<i>ST</i>	Thomas Aquinas, <i>Summa Theologica</i>
<i>StPatr</i>	<i>Studia Patristica</i>
<i>SVTQ</i>	<i>St. Vladimir's Theological Quarterly</i>
<i>SwJT</i>	<i>Southwestern Journal of Theology</i>
<i>Them</i>	<i>Themelios</i>
<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>WCF</i>	Westminster Confession of Faith [Confissão de Fé de Westminster]
<i>WLC</i>	Westminster Larger Catechism [Catecismo Maior de Westminster]
<i>WSC</i>	Westminster Shorter Catechism [Catecismo Menor de Westminster]
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>

PREFÁCIO

Conta-se que, certa vez, a rainha Vitória e o príncipe Albert participavam de um jantar importante. Quando foi servida a sopa, a rainha virou-se para o marido e disse: “Querido, acho que esta sopa vai nos dar trabalho depois”. O príncipe, diz a história, respondeu afetuosamente: “Querida, admiro a coragem dessa sopa!”.

Eu tive a mesma sensação quando li pela primeira vez *A Trindade: na Escritura, história, teologia e adoração*, do professor Robert Letham, há uns quinze anos. Sem dúvida foi preciso coragem para colocar no papel impresso suas convicções após anos de estudo e reflexão sobre a Trindade. Isso significou não apenas a demolição do Iluminismo e do pressuposto moderno cristalizado na declaração de Alexander Pope: “o estudo apropriado à humanidade é o homem”, mas também a afirmação de que, na realidade, o tema supremo da investigação e da análise humanas é o conhecimento de Deus e da Trindade.

Desde sua primeira edição em inglês, este livro tem sido muito lido e apreciado. Nessa nova edição revisada, a obra não precisa de nenhum prefácio meu ou de outra pessoa para recomendá-la. Parafraseando Paulo, seu louvor já alcançou as igrejas. Contudo, ainda que a chegada de uma segunda edição dispense um prefácio, vale a pena anunciar com entusiasmo sua chegada para uma nova geração de leitores.

Em 2004, na primeira edição desse livro, o momento era adequado para que alguém gritasse que o rei evangélico estava nu. Durante décadas ouvimos que o Espírito Santo não era mais “a pessoa esquecida da Trindade”; agora estávamos aprendendo o jeito certo de “ser igreja” ou algum outro segredo mágico para o sucesso cristão. Contudo, a indagação persistia: a igreja poderia realmente ser tão forte quanto imaginava quando, de modo geral, a pregação e a literatura evangélicas, juntamente com a onda de novos cânticos e muitas outras coisas, pareciam fazer pouca ou nenhuma menção ao Deus Trinitário? O que se dizia pela “igreja afóra” era que a Trindade era a doutrina mais especulativa de todas e, portanto, a menos prática para o cristão. Na verdade, ela não tinha importância, exceto como doutrina que deveria ser defendida em caso de ataque.

Então chega Bob Letham com as mais de seiscentas páginas de *A Trindade*. Sua publicação foi um evento de certa importância. Seria exagero dizer que a

primeira edição caiu como uma bomba (como o célebre *Römerbrief*, de Karl Barth) no parquinho evangélico, mas é fato que a Associação de Editoras Cristãs Evangélicas lhe concedeu o Gold Medallion. Muitos leitores talvez esperassem que seu surgimento fosse como uma nuvem do tamanho da mão de um homem que conferisse uma certeza, ao modo de Elias, de que a seca de ensino sobre a Trindade terminaria em breve. Felizmente, os anos que se sucederam trouxeram um novo interesse pela Trindade e por estudos a seu respeito por parte de uma nova geração de autores evangélicos. Ainda que isso tenha ocorrido algumas vezes no contexto de controvérsias nem sempre sensíveis à profundidade e ao discernimento da tradição teológica, temos motivos para nos alegrar, assim como Paulo, na bonança ou na tempestade, com a atenção que tem sido dada à doutrina da Trindade.

Portanto, em 2004, essa obra foi decisiva, fruto de anos de pesquisas, reflexão, discussão e de elaboração de textos. Quem, entre os que viveram essa época, se lembra de quando um autor evangélico ou reformado havia tentado pela última vez se debruçar sobre uma monografia a respeito do artigo mais profundo e mais fundamental da fé cristã?

Em retrospecto, também é possível observar que a publicação de *A Trindade* foi, de certa maneira, um ato profético. Em primeiro lugar, sua presença em si já era um tipo de protesto contra o pensamento deformado. Um tipo de novo monismo, talvez até modalismo, prevalecia em muitas igrejas. Ele viera em três etapas: primeiramente, o Espírito Santo, depois o Pai e, por fim, o Filho encarnado pareciam preencher o horizonte em vários grupos do evangelicalismo. Isso ficou evidente nos livros que estavam sendo publicados e nos temas que dominavam a pregação e o ensino, seminários e congressos. Sua mensagem, com frequência, era “precisamos do Espírito Santo”, ou “descobrimos a adoção” ou “temos de pregar Jesus”. Tudo isso é verdade, no entanto, como tudo o mais, se analisado de modo isolado, cada um desses temas resultará em desequilíbrio, ou até mesmo em ensino falso. Das novas músicas que estavam sendo escritas (algumas delas próximas do antropocentrismo, enquanto outras giravam em torno de Jesus sem ser trinitárias) às novas formas do “chamado à adoração” (“estamos aqui para adorar Jesus, para louvar a Jesus, para orar a Jesus”), havia uma ausência de formulação, proclamação, adoração e formação trinitária. Lembro-me perfeitamente de me aproximar do organizador de um congresso estudantil no momento em que a banda nos conduzia em um cântico que me pareceu

desconhecido não apenas para mim, mas também para todos os demais presentes, e de lhe sussurrar: “Este me parece ser um momento pedagógico para você: sua banda acaba de nos incentivar a negar a Trindade!”. Não foi intencional. No entanto, era um sinal dos tempos. É natural que você sinta ciúme ao falar da garota que amou; mas *não* ter o mesmo sentimento em relação a Deus, infelizmente, é algo natural também.

Suspeito, portanto, que muitos leitores de *A Trindade* tenham saudado sua publicação com um suspiro de alívio teológico. Ali estava (e ainda está) um livro de substância, fundamentado na Escritura (são quase cem páginas de exposição bíblica), que se dispôs a escavar os velhos poços (outras cento e cinquenta páginas sobre o desenvolvimento da doutrina até a Reforma) e, em seguida, discutir em mais de cem páginas o debate contemporâneo sobre a doutrina.

Nesse sentido, o livro foi profético não apenas como um protesto contra a deformidade, mas como antecipação da verdade da teologia cristã histórica. Ele analisou pacientemente o pensamento complexo dos teólogos do passado sobre aquilo que é o maior de todos os mistérios para a mente humana. Fez isso com a convicção de que a Trindade é o fundamento de tudo o que há e, portanto, deve ser a realidade à luz da qual todos os demais mistérios começam a fazer sentido. Certamente Agostinho jamais escreveu uma palavra mais verdadeira do que seu *bon mot*, segundo o qual “em nenhum outro assunto o erro é mais perigoso, a investigação mais árdua ou a descoberta da verdade mais proveitosa”.

Portanto, *A Trindade* merece uma segunda edição. Assim como a anterior, se exercitarmos a dimensão intelectual da paciência, que é fruto do Espírito, ele nos guiará em meio aos debates de grande complexidade intelectual dos grandes teólogos. Sim, eles são difíceis, e é preciso que haja arrependimento intelectual, uma *metanoia* de humildade da mente, porque buscamos aqui refletir e conversar sobre *Deus*, mas valerá a pena.

Contudo, o Dr. Letham, quando nos guia por essas seções bíblicas, teológicas e históricas, não se dá por satisfeito. Com sabedoria e desejo de nos ajudar, ele nos apresenta o que podemos descrever como uma seção de resumo teológico em que faz as perguntas que precisamos fazer e responde pacientemente cada uma delas. Em seguida, como a doutrina da Trindade não diz respeito aos textos de teólogos mortos, mas ao Deus *vivo*, o autor nos mostra o que ela pode nos ensinar hoje. De modo especial, uma vez que

o ser trino de Deus é a fonte de todo o nosso assombro, o autor tem toda a razão em ressaltar que esse ser trino deve ser também o plano básico de toda a nossa adoração a ele. Portanto, fazemos bem em repetir o magnífico Santo Soneto 14, de John Donne:

Bate meu coração, Deus trino, por ti.
Ele também pulsa, respira, brilha e quer sarar;
Para que eu me erga e fique de pé, derruba-me, inclina-te
E com tua força me quebra, fere-me, queima-me, faze-me novo.

Mas isso não é tudo. *A Trindade* mostra também que essa doutrina é o fundamento da resposta cristã a movimentos tão diversos como o islamismo, de um lado, e o pós-modernismo e seus filhos, de outro. É bastante apropriado, devido ao clima do debate atual, que o último capítulo tenha como tema as pessoas. Pois apenas se Deus for pessoal, poderemos ser pessoais, e, conforme ressaltaram Agostinho e Calvino, somente quando o conhecermos chegaremos ao verdadeiro conhecimento de nós mesmos. Como tem se tornado cada vez mais claro, se abrirmos mão do Deus Trino e Uno, acabaremos perdendo o homem, macho e fêmea, criados à sua imagem.

Já refleti o suficiente sobre os méritos de *A Trindade*. Não devo deter mais os novos leitores, mas desejar-lhes que suas incursões na grande jornada teológica que está prestes a começar, tendo o professor Letham como seu guia, sejam seguras e recompensadoras. Por vezes, vocês se depararão com ladeiras íngremes, e a caminhada poderá parecer longa e desafiadora até mesmo para o viajante mais experiente. Contudo, descobrirão paisagens maravilhosas ao longo do percurso. Portanto, o conselho que dou é que permaneçam com seu guia até o final. Chegando lá, vocês perceberão que há um pico mais elevado a escalar, mas ele fica para a próxima etapa do conhecimento pleno de Deus. O que descobrirão nesta jornada é que a leitura de *A Trindade* e a reflexão no decorrer do livro tornarão seu pensamento mais claro, fortalecerão sua fé e ajudarão vocês a perceber que o conhecimento do Pai por intermédio do Filho por meio do Espírito é a vida eterna. Isso fará com que vocês sintam que a jornada compensou o esforço feito.

PREFÁCIO À EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA

Ficou célebre a frase de Harold Wilson, primeiro-ministro britânico nas décadas de 1960 e 1970, segundo a qual, em política, uma semana é tempo demais. De igual modo, quinze anos pode ser tempo demais para o debate teológico. Concluí a primeira edição deste livro em junho de 2003. Desde então, uma série de outros livros foram escritos sobre a doutrina da Trindade. Tratei nesta nova edição de algumas questões levantadas desde então.

Boa parte do livro não mudou. O ensino da Bíblia não mudou nesse ínterim, tampouco as características básicas da discussão histórica. Ao contrário, os pensamentos, as propostas e as interpretações do nosso tempo suscitaram novas questões — às vezes, questões antigas apresentadas de novas maneiras —, com a necessidade correspondente de dizer novas coisas. Além disso, todos envelhecemos, e com isso nossas perspectivas amadurecem e alcançam um desenvolvimento pleno. Ideias que antes considerávamos estabelecidas e firmes recebem nova luz.

As mudanças nesta edição podem ser resumidas da seguinte forma. Procurei levar em conta eventos importantes na discussão acadêmica sobre a Trindade, desde 2003. É importante a obra de Lewis Ayres sobre o trinitarismo nos séculos 4 e 5. Alegro-me que, de muitas maneiras, meu relato anterior não demande uma revisão radical. A distinção rigorosa que faço entre as igrejas do Oriente e do Ocidente, uma distinção até então corriqueira, tem sido cada vez mais questionada. Escrevi sobre esse assunto em outros textos. É correto e salutar lembrar que o acordo trinitário de Constantinopla I é reconhecido pela igreja toda — há muito mais elementos que nos unem do que aqueles que nos separam. Admito que possa haver exagero nessa divisão. Contudo, ao longo dos séculos, desenvolveram-se diferenças importantes que não podem ser facilmente anuladas. Nesta edição, prefiro me ater a *perspectivas*, um termo que abre espaço para o consenso, mas também para a divergência.

Acrescentei um excuroso sobre desdobramentos posteriores à Reforma, como, por exemplo, o *pactum salutis*, que apresenta formulações das quais sou reconhecidamente crítico. No momento em que redigia a primeira edição deste livro, eu sabia que Richard Muller estava trabalhando no trinitarismo

pós-Reforma, portanto achei que minha contribuição provavelmente fosse supérflua. Esse tema específico é intrigante e levanta questões que merecem análise e, na medida do possível, serão tratadas aqui. Tenho plena consciência de que houve uma série de discussões sobre o trinitarismo reformado desde 2003. Para examiná-las de maneira eficaz, porém, seria preciso outro livro, bem como afastar-se da coerência desta obra, fosse como fosse.

Desde 2003, o debate acerca da doutrina da eleição de Barth e de sua relação com a doutrina da Trindade cresceu e tornou-se bastante acalorado. Qual é a prioridade: eleição ou Trindade? Essa é uma questão própria da academia em torno de Barth, mas também uma questão da maior importância para a teologia trinitária. A proposta de Bruce McCormack de que Deus escolhe ser Trindade levanta indagações imensas e problemas enormes bem analisados por Paul Molbar e George Hunsinger.

Outra controvérsia, mais paroquial, porém também de longo alcance, eclodiu em 2016 entre evangélicos conservadores e diz respeito até que ponto a obediência humana do Cristo encarnado reflete as realidades antecedentes eternas no âmbito da Trindade imanente. Tratei disso em minha leitura de Barth. Contudo, as *dramatis personae* nesse debate acalorado eram originárias de grupos mais fundamentalistas. Concordo que a forma como Barth lida com o tema é extremamente questionável. No entanto, ele o fez de maneira mais reservada e com um volume muito maior de informações do que muitas outras vozes. Trata-se de uma área tremendamente difícil, em que faríamos bem se nos guiássemos pelos credos confessionais clássicos. Há uma discussão nova e extensa a esse respeito no capítulo 17, em que procuro reunir uma série de fatores importantes. O problema se deve, em parte, à separação da Trindade da cristologia no decorrer dos anos.

Uma vez que nisso tudo estamos lidando com o Deus eterno — Pai, Filho e Espírito Santo — em união indivisível, que é o autor da paz e amante da concórdia, no conhecimento de quem está a vida eterna, convém que busquemos cultivar a união com Deus e em sua igreja. Há um lugar necessário para a polêmica. Contudo, ela deve ser incidental em relação ao objetivo principal, que consiste em ampliar o conhecimento daquele que nos criou e nos sustenta, bem como todo o cosmo, e que nos guia em Cristo nas veredas da vida.

Sou grato, nesta edição, a John Hughes, da P&R, que me incentivou a escrevê-la e me deu sugestões úteis em todo o processo, e a Karen Magnuson, que fez a preparação do texto, elevando-o a um nível de grande excelência.

Keith Mathison e Ian Hamilton leram partes da revisão e fizeram comentários construtivos, assim como Ryan McGraw. Como é habitual, mas necessário dizer, reconheço que sou o único responsável por quaisquer deficiências presentes nesta obra. No caso desse tema singular, resta-nos apenas balbuciar com temor e também com grande alegria.

Bryntirion
Quarto Domingo da Santa Trindade
Junho de 2018

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Quando o editor me perguntou a respeito desse livro, senti-me ao mesmo tempo feliz e perplexo — feliz, porque desde há algum tempo eu vinha planejando um trabalho desse tipo, mas também fiquei perplexo, porque era um enorme desafio escrever sobre aquele que é totalmente transcendente e incompreensível! Passou pela minha mente, mais de uma vez, o que Karl Barth pensou quando, em seu escritório, preparava as hoje célebres Preleções de Göttingen: “Será que consigo?” Contudo, o sábio conselho de Basílio, o Grande, em carta a seu amigo Gregório de Nazianzo, é um encorajamento constante. Basílio reconhece que não há linguagem teológica adequada que comunique nossos pensamentos, ao mesmo tempo em que nosso pensamento empalidece diante da realidade. No entanto, vemo-nos compelidos a dar uma resposta sobre Deus àqueles que amam o Senhor. Portanto, Basílio exorta o amigo para que direcione suas energias à defesa da verdade.¹

Este livro interage com teólogos das mais variadas formações, do Oriente e do Ocidente, do catolicismo romano e do protestantismo. Contudo, foi escrito da perspectiva reformada. Conforme disse B. B. Warfield, a teologia reformada é o “cristianismo em sua melhor forma”. É teologia caracteristicamente *crístã*. Sua origem remete aos pais da igreja. Era nessa teologia que acreditavam, entre outros, Calvino, Bucer e Zuínglio. Ser reformado é ser verdadeiramente católico, bíblico, evangélico e ortodoxo. Embora nossa autoridade suprema seja a Sagrada Escritura, devemos também — a exemplo de Calvino, dos reformadores e de John Owen — ouvir com seriedade e atenção a voz dos Pais. Numa cultura em que floresce o individualismo mais obstinado, temos de aprender a “[nos sujeitarmos] uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5.21), reconhecendo que estamos todos sujeitos ao erro.

Infelizmente, depois de Calvino, pouco houve de importante que tenha contribuído para o *desenvolvimento* da doutrina trinitária por parte da teologia reformada conservadora. John Owen e Jonathan Edwards escreveram sobre a Trindade. O tratado de Owen *Da comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo* é incomparável na análise que faz da comunhão com as três pessoas, porém não trouxe uma contribuição significativa para o *avanço* da doutrina.

¹Basil of Caesarea, *Letters*, 7; PG, 32:244-5.

Essa escassez fica evidente na falta de citações dessas fontes no livro, e está em consonância com a negligência da Trindade, até recentemente, em toda a igreja ocidental. De fato, Calvino e Owen focalizam as pessoas da Trindade, e não a essência divina, uma ênfase mais oriental que ocidental. Essa lacuna em parte do cristianismo conservador é quase trágica. Uma teologia que acredita que nosso propósito principal é “desfrutar [de Deus] para sempre” precisa demonstrar que está fazendo exatamente isso.

Reconheço com satisfação a ajuda de uma ampla gama de pessoas, nenhuma das quais poderá ser responsabilizada por quaisquer deficiências nas páginas seguintes. Agradeço a John Sundet e ao comitê do Congresso de Connecticut Valley sobre Teologia Reformada o convite para lecionar sobre a Trindade em março de 1997; o corpo docente do Mid-America Reformed Seminary, que me convidou para fazer as preleções anuais de 1999, as quais constituem a base de dois capítulos; e o Dr. Carl Trueman, que me pediu para escrever um artigo sobre a Trindade para o *Themelios*, cuja essência aparece na introdução. Gostaria também de agradecer a uma pessoa que não conheço, a qual, ao ler minha resenha sobre o trinitarismo de Robert Reymond na primeira edição de sua obra *Uma nova teologia sistemática da fé cristã*, encorajou o editor a me sondar sobre a possibilidade deste livro.

Agradeço a Allan Fisher, da P&R Publishing Company, e a Barbara Lerch e equipe, a ajuda inestimável que me deram, bem como aos editores do *Mid-America Journal of Theology* pela permissão de usar o material de três artigos do volume 13 (2002): “Ternary patterns in Paul’s Letter to the Ephesians” [Padrões ternários na Epístola de Paulo aos Efésios], que é um excuro colocado depois do capítulo 3; “East is East and West is West: another look at the *filioque*” [Oriente é Oriente e Ocidente é Ocidente: outra análise da cláusula *filioque*], que forma estrutura básica do capítulo 10; e “The Holy Trinity and Christian worship” [A Santa Trindade e a adoração cristã], boa parte do qual aparece no capítulo 18. Também sou grato aos editores do *Westminster Theological Journal* por me permitirem utilizar o material sobre a resenha do livro de Kevin Giles.

Agradeço a proveitosa colaboração de Sinclair Ferguson, Don Garlington, Paul Helm e Tony Lane, que leram gentilmente a primeira redação dos capítulos e fizeram comentários importantes; a John Dishman e John Van Dyck, por suas importantes contribuições em física e química, respectivamente; ao Rev. George Christian, pelo estímulo constante à reflexão sobre a Trindade; ao

meu colega Rev. S. Edd Cathey, que avaliou o nível de legibilidade de vários capítulos; e aos alunos da classe de doutorado sobre “Teologia trinitária: antiga e contemporânea”, que leciono no Westminster Theological Seminary, pelas contribuições estimulantes ao debate. Também não posso deixar de ser grato (quem não é?) a Grace Mullen, da Biblioteca Montgomery do Westminster Theological Seminary, por encontrar e disponibilizar um material relativamente inacessível; agradeço também a paciência da equipe enquanto transportava caixas e mais caixas de livros. Agradeço igualmente ao presbitério da igreja Emmanuel Orthodox Presbyterian Church, em Wilmington, no estado de Delaware, e à congregação em geral, por seu interesse no andamento do livro e pelo apoio fantástico dispensado a mim e à ministração do evangelho.

Por último, mas não menos importante, dedico este livro à minha esposa, Joan, fonte constante de amor e de incentivo.

Para além das coisas deste reino terrestre, ofereço este livro ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, Deus único para sempre, com indescritível gratidão. Recorro à oração de Agostinho com a qual ele conclui *A Trindade*: “*Senhor, único Deus, Deus Trino, tudo o que disse nestes livros que vem de ti seja reconhecido por teu povo; se há algo meu, perdoa-me e perdoem-me os teus. Amém.*”²

Wilmington, Delaware
Domingo da Santa Trindade
Junho de 2003

²Augustine, *On the Trinity*, 15.51 (tradução do autor) [publicação em português por Paulus sob o título *A Trindade*].

INTRODUÇÃO¹

Se bem me lembro, foi Bernard Lonergan que disse certa vez: “A Trindade consiste em cinco ideias ou propriedades, quatro relações, três pessoas, duas processões, uma substância ou natureza e nada compreensível”. Ficou célebre a observação de Karl Rahner, em 1967, em que ele chamou a atenção para a negligência generalizada em relação à Trindade: “Se tivermos de abolir a doutrina da Trindade porque concluímos que é falsa, isso praticamente não afetaria em nada a maior parte da literatura religiosa”.² Desde então, surgiram vários estudos, livros e mais livros. Muitos, porém, se propunham a revisar a doutrina clássica. De modo geral, eu tenho me surpreendido ao longo dos anos com a confusão predominante nos círculos mais inesperados. Contudo, conforme me disse Sinclair Ferguson, “sempre refleti sobre o pensamento um tanto óbvio de que, quando os discípulos de Jesus estavam prestes a sucumbir sob o peso do mundo, nosso Senhor passou muito tempo com eles no cenáculo explicando o mistério da Trindade. Se há algo que deixe explícita a necessidade do trinitarismo para o cristianismo prático, sem dúvida é esse fato!”.³

Parte do problema para muitos talvez seja o fato de que, em seus debates e lutas, a igreja seja forçada a usar termos extrabíblicos para defender a linguagem bíblica. Isso foi necessário devido ao uso que os hereges faziam da Bíblia para apoiar suas ideias falsas. Atanásio nos dá um vislumbre do que aconteceu no Concílio de Niceia (325 d.C.), quando os bispos reunidos proscreveram o argumento de Ário, segundo o qual o Filho não era eterno, mas criado por Deus, que, desse modo, tornou-se seu Pai. Originalmente, a declaração proposta ao concílio foi a de que o Filho viera “de Deus”. Com isso, pretendia-se dizer que ele não procedia de outra fonte nem era uma criatura. Aqueles que concordavam com Ário aceitaram a expressão, uma vez que a seus olhos todas as criaturas procediam de Deus. Consequentemente, o concílio se viu forçado a buscar uma palavra que excluísse toda possibilidade de uma interpretação ariana.⁴ A linguagem bíblica não podia solucionar a

¹Esta versão editada da introdução na primeira edição foi, por sua vez, uma versão editada do meu artigo “The Trinity — yesterday, today and the future”, *Them*, vol. 28, n. 1 (2002): 26-36.

²Karl Rahner, *The Trinity*, tradução para o inglês de Joseph Donceel (New York: Crossroad, 1997), p. 10-11.

³Mensagem de e-mail, 4 de abril de 2003.

⁴Athanasius, *On the decrees of the Synod of Nicaea*, p. 19-21.

questão, uma vez que o conflito dizia respeito, antes de mais nada, ao significado da linguagem bíblica. Isso nos lembra de que, para entender uma ou outra coisa, é preciso analisá-la em um contexto próprio, pois o sentido não pode decorrer da repetição daquilo cujo significado se busca. O dicionário é um exemplo óbvio de ferramenta que explica o significado das palavras com outras palavras e expressões. Para pensar claramente sobre a Trindade, é necessário nos envolvermos com a história da discussão do tema na igreja.

Agostinho, em seu livro *A Trindade*, diz que “em nenhum outro assunto o erro é mais perigoso, a investigação mais árdua ou a descoberta da verdade mais proveitosa”.⁵ Helvellyn, uma montanha de Lake District, na Inglaterra, tem uma parte famosa conhecida como Striding Edge. Nesse ponto, a trilha em direção ao cume é estreita e cheia de arestas, com declives acentuados de ambos os lados do terreno. Em um dia com tempo bom, é fácil atravessar esse trecho, contudo muitas fatalidades têm ocorrido nesse percurso. Muitas pessoas com experiência nesse tipo de trilha foram malsucedidas ali.⁶ Em 2015, a montanha havia ceifado cinco vidas antes do final de junho.⁷ Investigar a Trindade é uma sensação parecida: estamos sempre nos equilibrando precariamente na lâmina de uma faca muito mais escarpada do que a Striding Edge. O perigo nos espreita dos dois lados, e não poucos perdem o equilíbrio.

Sempre houve dois perigos principais, de um lado ou de outro. O Oriente muito cedo deparou com o perigo do subordinacionismo, considerando o Filho e o Espírito de algum modo derivados, cujo status divino não era muito claro. Foi o que prevaleceu até as controvérsias do século 4. Ainda não haviam sido desenvolvidas as ferramentas conceituais por meio das quais a maneira em que Deus é três pudesse ser expressa de tal modo que não prejudicasse a maneira em que Deus é um. Outras formas de subordinacionismo têm argumentado que Filho e Espírito Santo são, de algum modo, inferiores ao Pai, e a Trindade é vista como uma hierarquia.

Do outro lado dessa trilha existe a ameaça do modalismo, isto é, a confusão ou o ofuscamento das distinções eternas entre as pessoas. Isso pode ocorrer quando a revelação que Deus faz de si mesmo como Pai, Filho e Espírito é entendida como simples modos sucessivos de revelação do Deus unipessoal

⁵Augustine, *On the Trinity*, 1.5 [publicado em português por Paulus sob o título *A Trindade*].

⁶Veja <http://www.nwemail.co.uk/news/lakes/Walker-dies-after-falling-from-Lake-District-hiking-spot-f6998c01-8777-44f0-9db3-cbc0247f24db-ds>, acesso em: 13 de março de 2018.

⁷Veja <https://www.express.co.uk/news/uk/586888/Fifth-death-Lake-District-Helvellyn-mountain-summer-holiday>, acesso em: 13 de março de 2018.

(como o fez Sabélio no século 3) ou, de outra forma, pela relutância em reconhecer a revelação de Deus na história humana como revelando algo sobre quem ele é eternamente. De qualquer maneira, não nos resta nenhum conhecimento verdadeiro de Deus, porque o que ele diz de si mesmo na Bíblia pode não refletir o que ele é de fato. Desconfio de que isso consiste em uma percepção confusa comum no nível popular, fora das fileiras dos que demonstraram um interesse mais profundo pelo assunto.

No Ocidente, nos últimos tempos, um modelo social de Trindade ganhou importância, ressaltando com mais intensidade a distinção entre as três pessoas. Nesse caso, não é raro que ocorra uma perceptível tendência quase de tom triteísta.⁸ Com frequência, a Trindade é comparada a uma família humana ou a três pessoas iguais que dançam em torno uma da outra. Veremos ainda que a analogia de três homens que partilham de uma mesma natureza foi definitivamente rejeitada pelos capadóciolos, que, mais do que ninguém, foram responsáveis pela resolução da crise trinitária no século 4. A ideia de trinitarismo social é estranha à doutrina clássica, para a qual a unidade e a indivisibilidade da Trindade, juntamente com as obras inseparáveis de Deus, são axiomáticas.⁹

Também no Ocidente predomina a influência impactante de Agostinho. Na segunda metade de *A Trindade*, ele introduz, de forma hesitante, algumas analogias da Trindade, ciente de suas perigosas limitações.¹⁰ Contudo, essas analogias tiveram um impacto muito forte nos anos que se seguiram. Elas se baseiam na primazia da essência de Deus sobre as três pessoas, porque para Agostinho a unidade divina é o ponto de partida. Ele busca por reflexos da Trindade na mente humana. Com base nisso, seus críticos sustentam que é difícil para Agostinho fazer justiça às distinções pessoais plenas das três pessoas. Para ele, a Trindade consiste em um amante, um amado e no amor que existe entre eles. Em especial, parece haver um dilema em relação ao Espírito Santo. Será que Agostinho reduz o Espírito a um atributo? Pode-se perfeitamente compreender o amante e o amado como pessoas distintas,

⁸Jürgen Moltmann, *The Trinity and the Kingdom: the doctrine of God* (London: SCM, 1991) [publicado em português por Vozes sob o título *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*] é citado como possível exemplo dessa afirmação; veja, porém, Wolfhart Pannenberg, *Systematic theology*, tradução para o inglês de Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 1:309-12 [publicado em português por Paulus sob o título *Teologia sistemática*], que a rejeita.

⁹Veja Stephen R. Holmes, *The Holy Trinity: understanding God's life* (Milton Keynes: Paternoster, 2012).

¹⁰Augustine, *The Trinity*, livros 8-15.

porém o amor é uma qualidade, e não uma entidade pessoal. Argumentaremos que essas críticas são exageradas, e que o próprio Agostinho não pode ser responsabilizado por esses erros, pois buscava uma explicação de como algo pode ser exemplificado de três maneiras diferentes? Contudo, há dúvidas sobre a forma como ele foi interpretado por autores posteriores.

Mais tarde, Tomás de Aquino separa a discussão entre *de Deo uno* (“o Deus único”) e *de Deo trino* (“o Deus trino”). Em sua *Summa contra gentiles*, ele adia a análise sobre a Trindade até o livro 4, depois de examinar em detalhes a doutrina de Deus no livro 1. Na *Summa theologica*, ele discute a existência e os atributos de Deus na parte 1, questões 1-25, voltando à Trindade somente nas questões 27-43. Esse modelo se torna padrão nos manuais de teologia da Igreja Ocidental. Em certo sentido, conforme diz Richard Muller, trata-se de um procedimento lógico e organizado de ensinar a doutrina.¹¹ De fato, esse método se repete na história da redenção, da forte ênfase na unicidade e singularidade de Yahweh à revelação progressiva da divindade do Filho e do Espírito Santo no Novo Testamento. Embora a Trindade seja eterna, a doutrina da Trindade está oculta no Antigo Testamento e implícita no Novo Testamento, tendo sido, depois, formulada pela igreja. O próprio Tomás foi um dos principais expoentes da doutrina. Contudo, o impacto desse método nos últimos séculos foi negativo. Nos círculos protestantes, Charles Hodge escreve mais de 250 páginas discutindo a existência e os atributos de Deus antes de, por fim, voltar sua atenção para o fato de que Deus é trino. Louis Berkhof segue o mesmo método.¹² Essa tendência é ampliada pelas pressões do Iluminismo. O sobrenatural e a ideia em geral de revelação eram um problema para a estrutura kantiana. Um sintoma desse mal-estar é o fato de que Friedrich Schleiermacher restringe sua análise da Trindade a um apêndice em seu livro *The Christian faith* [A fé cristã]. Até mesmo B. B. Warfield flerta com uma posição modalista quando diz que certos aspectos da relação entre o Pai e o Filho na história humana podem ser resultado de uma aliança entre as pessoas da Trindade e, portanto, podem não representar as realidades eternas

¹¹Muller, *PRRD*, 4:145-8.

¹²Charles Hodge, *Systematic theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), 1:191-441 [publicado em português por Hagnos sob o título *Teologia sistemática*], sobre a existência e os atributos de Deus; *ibidem*, 1:442-82, sobre a Trindade; Louis Berkhof, *Systematic theology* (London: Banner of truth, 1958), p. 19-81 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Teologia sistemática*], sobre a existência e os atributos de Deus; *ibidem*, p. 82-99, sobre a Trindade.

anteriores em Deus.¹³ Em seu livro *O conhecimento de Deus*, J. I. Packer dedica um capítulo à Trindade em uma parte do livro, mas depois continua como se nada tivesse acontecido.¹⁴

De acordo com a cosmovisão iluminista, o centro da atenção passa de Deus, no século 18, para este mundo. A célebre frase de Alexander Pope resume a situação: “Conhece a ti mesmo, não te atrevas a sondar Deus, o estudo apropriado à humanidade é o homem”.¹⁵ Uma série de novas disciplinas acadêmicas surgiram no século 19 dedicadas ao estudo do homem, com destaque para a psicologia, sociologia e antropologia. De outra forma, a consciência histórica passa por um desenvolvimento notável. Os estudiosos da Bíblia buscam o Jesus histórico. A teologia bíblica, pressionada pelo mundo kantiano a prescindir da eternidade e da ontologia, tende a restringir e a limitar a referência das declarações bíblicas sobre o Pai e o Filho à dimensão histórica. Um exemplo clássico é o argumento de Oscar Cullmann de que o Novo Testamento tem uma cristologia puramente funcional.¹⁶ O problema com essa linha de pensamento é que se a referência das declarações bíblicas diz respeito exclusivamente a este mundo e está restrita à história humana, então Deus, na medida em que tem se revelado, não revela necessariamente como ele é eternamente em si mesmo.

Os evangélicos têm seus próprios problemas. O biblicismo é uma característica muito forte desse grupo. A época posterior à Reforma transforma-se em uma religião privatizada e individualista que negligencia a igreja e o mundo, o que levou muitos a minimizar os credos ecumênicos em favor dos insights mais recentes dos estudos bíblicos.¹⁷ Os aspectos mais importantes da doutrina da igreja sobre a Trindade têm sido, com frequência, desprezados ou negligenciados como se fossem especulação contrária à Bíblia.¹⁸ A oposição à doutrina ortodoxa muitas vezes tende a vir de quem enfatiza a

¹³Benjamin Breckinridge Warfield, “The Biblical Doctrine of the Trinity”, in: *Biblical and theological studies* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1952), p. 22-59, esp. p. 54-5.

¹⁴J. I. Packer, *Knowing God* (London: Hodder and Stoughton, 1973), p. 67-75 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *O conhecimento de Deus*].

¹⁵Alexander Pope, *An essay on man*, 2.1.

¹⁶Oscar Cullmann, *The Christology of the New Testament* (London: SCM, 1959), p. 326-7 [publicado em português por Hagnot sob o título *Cristologia do Novo Testamento*]; Oscar Cullmann, “The Reply of Professor Cullmann to Roman Catholic Critics”, *SJT* 15, 1 (1962): 36-43, em que ele explica em mais detalhes suas declarações anteriores.

¹⁷Robert Letham, “Is evangelicalism Christian?”, *EQ* 67, 1 (1995): 3-33.

¹⁸Robert L. Reymond, *A new systematic theology of the Christian faith* (New York: Nelson, 1998), porém na segunda edição revisada Reymond felizmente corrige essa tendência.